

**O FUTURO É ANCESTRAL:  
FAMÍLIAS NEGRAS E AFROFUTURISMO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

**THE FUTURE IS ANCESTRAL:  
BLACK FAMILIES AND AFROFUTURISM IN CHILDREN'S AND YOUTH LITERATURE**

**Débora Cristina De Araújo**

Professora de Educação das Relações Étnico-Raciais Universidade  
Federal do Espírito Santo

**Aisha Tuanny Sant'anna Jureswski**

Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação de  
Mestrado  
Profissional em Educação Universidade Federal do Espírito Santo

**Daniela Santos Alacrino**

Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação em  
Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo**

Com o interesse de lançar interpretações sobre a condição de personagens negras na literatura infantil e juvenil brasileira é que este artigo teve como objetivo revisar o percurso histórico até a contemporaneidade, enfocando especialmente a representação de famílias negras e Afrofuturismo. Por meio da análise bibliográfica, revisitamos tendências do gênero literatura infantil e juvenil tendo como centro as personagens negras. Em seguida apresentamos levantamentos de pesquisas sobre famílias negras e Afrofuturismo, escolhendo uma obra para analisar. O estudo apontou para a necessidade de mais investigações sobre os temas a fim de verificar em que medida as transformações das últimas décadas em relação à composição e caracterização das personagens negras na literatura infantil e juvenil está caminhando ao lado de tendências mais recentes no Brasil, como o Afrofuturismo literário.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo. Famílias negras. Ancestralidade. Literatura infantil e juvenil. Personagens negras.

**Abstract:**

With the interest of launching interpretations on the condition of black characters in Brazilian children's and youth literature, this article aims to review the historical journey up to the present day, focusing particularly on the representation of black families and Afrofuturism. Through bibliographical analysis, we review trends in the genre of children's and young adult literature with black characters at its center. We then presented research on black families and Afrofuturism, followed by an analysis of a selected work. The study indicated the need for further research on these topics to determine the extent to which the transformations of recent decades regarding the composition and characterization of black characters in children's and youth literature are moving alongside more recent trends in Brazil, such as literary Afrofuturism.

**Keywords:** Afrofuturism. Black families. Ancestrality. Children's and youth literature. Black characters.

## 1 Introdução

Apagamento ou sub-representatividade foram as principais características relacionadas a personagens negras na literatura infantil e juvenil brasileira ao longo do século passado, tomado como referência histórica por ter sido o século em que esse gênero literário (endereçado a crianças e jovens) se consolidou no Brasil. Por outro lado, foi também nesse século que diversos movimentos de resistência e afirmação negra na literatura se constituíram como “trincheiras”, produzindo “fraturações literárias” (OLIVEIRA, 2010) significativas no cânone, a ponto de expor a ferida aberta do racismo que sempre se fez presente, mesmo na literatura produzida para públicos de idades mais tenras. Essas trincheiras abriram caminhos para uma produção mais crítica e atenta à sociedade em transformação, especialmente no sentido de reconhecer que qualidade literária passa, necessariamente, pela valorização das diversas culturas e populações de

um país. No caso brasileiro especificamente, ao expor o racismo literário, esses movimentos também propuseram outras possibilidades estéticas tendo a personagem negra não apenas como protagonista, mas principalmente com características de valorização e altivez.

É buscando discutir essa transição e os efeitos dela para estudos contemporâneos que este artigo tem como objetivo discutir a produção literária infantil e juvenil contemporânea, enfocando especialmente dois temas: o primeiro é a representação de famílias negras, por reconhecer o quanto esse foi um elemento sintomático na caracterização de personagens negras na literatura infantil e juvenil já que, ora essas personagens não possuíam vínculos familiares sólidos ou viviam em total abandono e descaso, mesmo sendo personagens muito jovens. É nas últimas décadas apenas que esse panorama vem sofrendo significativas transformações, não apenas pela presença e caracterização de núcleos familiares negros, mas também, e principalmente, por apresentar modelos familiares vinculados a uma ancestralidade africana, seja por meio de mitologias que auxiliam na resolução dos conflitos da trama ou por meio da ligação entre avós e netos/as, por exemplo.

O segundo tema é o Afrofuturismo, vertente artística caracterizada por explorar, por meio da ficção especulativa, futuros possíveis para as populações negras, sendo eles conectados diretamente ou indiretamente com elementos de ancestralidade africana. Ainda que esse seja um tema recente em estudo no Brasil, consideramos relevante analisar como as pesquisas acadêmicas vêm reconhecendo o Afrofuturismo na literatura endereçada a crianças e jovens, sobretudo por suas contribuições à educação literária. Além disso, devido à prevalência de obras produzidas originalmente em inglês, nosso interesse recai também nas aproximações entre o Afrofuturismo e ensino de língua inglesa. Ademais, a relação entre passado, presente e futuro propiciada pela reunião do tema famílias negras e Afrofuturismo oportuniza uma interessante discussão sobre o/a negro/a na literatura brasileira. Por isso escolhemos a metáfora “O futuro é ancestral”. Katiúscia Ribeiro (2020, s/p) defende que “[...] reconectar às práticas organizativas baseadas nas ancestralidades africanas é ponto fundamental que move e moverá sempre nosso futuro”.

Por meio de análise bibliográfica, o artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente propomos uma revisão de tendências da literatura infantil

e juvenil recente, tendo como foco personagens negras. Em seguida exploramos em duas seções o panorama de pesquisas sobre Afrofuturismo e famílias negras na literatura. Tomando uma obra literária em caráter amostral, apresentamos uma análise buscando identificar aproximações entre Afrofuturismo e famílias negras. Por fim, nas considerações finais, realçamos os achados da investigação, acenando para outras possibilidades interpretativas.

## 2 Tendências literárias

Na virada do século 21, muito influenciada por importantes transformações sociopolíticas, passamos a identificar mudanças significativas na literatura endereçada ao público infantil e juvenil brasileiro. Uma delas é a constatação de que quanto mais próximo do ano 2000 (e anterior a ele) são maiores as chances de uma obra com personagens negras conter estereótipos negativos e quanto mais recente é a publicação menos chances há (ARAUJO; SILVA, 2012). Por meio da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), responsável por alterar Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em parte da educação básica, um debate mais franco e aberto passou a ser realizado no interior das escolas brasileiras, tensionando alguns dos seus importantes elementos constitutivos, sendo a biblioteca escolar e seu acervo um dos principais. Ainda que passados 20 anos desde sua sanção e não podermos comemorar a sua efetiva implementação, o debate sobre história e cultura afro-brasileira passou a ser minimamente pautado no campo educacional e, por extensão, nos artefatos culturais presentes na escola, como é o caso do livro literário. No entanto, um alerta permanece: um gradativo aumento de publicações não representa, necessariamente, qualidade, como reflete Maria Anória Oliveira (2008, s/p), pois “[...] em virtude da lei 10.639/03, a tendência é que haja investimento no mercado editorial, culminando com publicações e reedições nem sempre elaboradas com a devida qualidade estética e temática, no tocante à história e cultura africana e afro-brasileira [...]”. Mas como o interesse neste estudo é de aprofundamento sobre uma literatura de valorização da cultura africana e afro-brasileira, tomamos a decisão de discutir aspectos positivos da produção contemporânea

endereçada ao público infantil e juvenil.

Tanto Oliveira (2010) quanto Debus (2013) vêm investindo em analisar o gradativo, mas ainda tímido, ingresso de literaturas produzidas em países africanos de língua portuguesa. Propondo comparação entre Brasil e Moçambique (OLIVEIRA, 2010) ou analisando a produção angolana (DEBUS, 2013), essas autoras têm possibilitado outras reflexões sobre as características da literatura infantil e juvenil contemporânea. Outros estudos, como os de Débora Araujo, Geane Damasceno e Regina Alcântara (2020), vêm identificando que a entrada dessas literaturas no Brasil tem sido em grande maioria por obras de escritoras/es africanas/os brancas/os, o que, por si só, já levanta uma série de questionamentos. Sob um panorama comparativo entre obras que tematizam meninos negros e que foram publicadas ou traduzidas no Brasil, as autoras constataram que os livros estrangeiros, cujas histórias são ambientadas no continente africano o foram “após uma espécie de ‘chancela’ internacional”, já que “[...] diante de uma ampla demanda, editoras brasileiras passaram a importar obras de sucesso em outros países, especialmente europeus e norte-americanos, para facilmente ter sua aprovação em avaliações governamentais, como no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) [...]” (ARAUJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020, p. 305).

Outro aspecto, dessa vez bem mais positivo, captado por Oliveira (2010), reconheceu, em análise de cinco obras moçambicanas, inovações no cenário literário local diante do fato de as obras “[...] delinearem protagonistas negros envolvidos em conflitos diversos, preterindo-se estereótipos e inferiorização. [...] São situados em espaços que não se restringem à margem social” (OLIVEIRA, 2010, p. 237). Características como essas puderam ser compiladas por Araujo (2018) como tendências recorrentes. Contextualizadas predominantemente sobre produções brasileiras ou estrangeiras publicadas no Brasil, as tendências propostas pela autora reúnem elementos de valorização da construção identitária das personagens, bem como do contexto africano ou afro-brasileiro. O primeiro deles é denominado de “Conflitos do universo infantil”, por tematizar dilemas comuns ao universo das crianças sem necessariamente incluir elementos raciais no enredo. Assim, a caracterização do pertencimento das personagens negras nesse sentido é apenas na ilustração, além de não haver “[...] menção [...] a conflitos raciais vivenciados pela(s) personagem(ns)”

(ARAUJO, 2018, p. 225). Os temas, nessa tendência, são diversos: o “[...] medo de crescer (ou não), saudade de alguém, criação de hipóteses para explicar o mundo, ciúmes, birras, etc.” (ARAUJO, 2018, p. 225).

A segunda tendência é de “valorização da estética e da identidade negra”: além das ilustrações demarcarem o pertencimento das personagens negras, o texto verbal também o faz. Aliados (imagem e texto) atuam para ressaltar “[...] a valorização identitária e a origem africana das personagens, com destaque não só para os cabelos, sinal diacrítico central nesse processo, mas também para a cor de pele, sorriso, dentre outros” (ARAUJO, 2018, p. 232).

Outra tendência foi denominada de “Resgate da herança e da ancestralidade africana” por reunir “[...] histórias míticas sobre a criação do mundo, sobre a resolução de conflitos e sobre a capacidade de resistência de povos africanos, seja em contextos locais ou na diáspora africana” (ARAUJO, 2018, p. 235). Nesse sentido, os desafios enfrentados pelas personagens contam com o auxílio de seres com atributos sobre-humanos, dotados de poderes mágicos ou de uma sabedoria ancestral, que atuam na resolução dos conflitos.

Tendências como essas, seja com quais características forem, acenam para fortalecimento de vínculos familiares das personagens negras, realçando contextos de valorização da cultura africana e afro-brasileira. Pensando especialmente em como os dois principais eixos desse artigo (famílias negras e Afrofuturismo) dialogam nesse cenário, é que nas seções seguintes discutiremos conceitos como tais temas aparecem nas pesquisas acadêmicas.

### **3 Famílias negras na literatura infantil e juvenil**

Recuperando brevemente alguns aspectos históricos, destacamos uma importante afirmação de Neusa Santos Souza (1983, p. 25): “[...] uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. Se tratando da literatura infantil e juvenil, as personagens negras estavam subordinadas ao imaginário branco, limitadas a poucos afetos e emoções nem sempre relacionadas a alegrias. Dessa forma, pensar as famílias negras nesse gênero literário, é um movimento para se refletir sobre a construção de afetos, outrora

negados às personagens.

A impossibilidade de manter relações afetivas, principalmente familiares, foi uma tentativa de impedir que sua emocionalidade ganhasse força. Foi na coletividade, de modo “aquilombado”, que possibilidades de resistência ocorreram. Os quilombos simbolizam<sup>1</sup> relações familiares que resistiram ao sistema racista e escravista. Os laços parentais de pessoas negras escravizadas foram constantemente proibidos de se formarem, pois sua desumanização e a exploração da sua força de trabalho eram as únicas condições possíveis para elas na escravidão (NASCIMENTO, 2002). A ideia de comunidade se aproxima da forma de organização dos quilombos que, conforme Sobonfu Somé (2007), representa o lugar no qual as pessoas se cuidam mutuamente. A noção de família compreendida aqui converge para esse entendimento de comunidade e de quilombo, sendo este um meio de preservação das raízes africanas, complementa Abdias do Nascimento (2002).

Na literatura infantil e juvenil com valorização da cultura africana e afro-brasileira, as famílias possuem em sua essência resquícios ancestrais que as compõem, especialmente quando a história envolve a criança e um ente mais velho. Essas relações são marcadas por afetos e vínculos amorosos, reiterando uma condição mais humanizada, recriando-as de modo totalmente distante das violências pelas quais as personagens eram acometidas. O processo de recriar outras perspectivas/narrativas sobre corpos negros passa antes pela descoberta racial e culmina para a compreensão da história e da reelaboração das potencialidades de pessoas negras (SOUZA, 1983).

A partir disso, faz-se necessário compreender como produções científicas (em nível de artigos, teses e dissertações) nas Ciências Humanas, em especial em Letras e Educação, vêm captando as relações familiares-afetivas das personagens negras na literatura infantil e juvenil contemporâneas. Para tanto, três importantes bancos de dados foram considerados: Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico. Sob o recorte temporal de 2003 a 2022 e combinações diversas, os

---

<sup>1</sup> Não há intenção de apresentar definições aprofundadas de “quilombo” por, nesse texto, estamos tomando-o não apenas em sentido histórico (organizações negras criadas desde o período colonial brasileiro), mas também metaforicamente, caracterizando a existência e resistência negra em coletividade, seja ela em modelos urbanos, rurais, conscientes ou não, fictícios (personagens literárias) ou reais.

descritores foram: literatura infantil, famílias negras, educação literária. Foram ao todo 82 trabalhos captados nos bancos de dados. Em função dos limites deste texto, selecionamos quatro publicações (artigos) nas quais o termo “família”, sua flexão no plural e outras derivações aparecem no resumo, título, nas palavras-chave e ainda de modo pontual no corpo do texto.

O primeiro deles é de Suely Castilho (2009), cujo estudo analisou como personagens negras foram retratadas no percurso da literatura brasileira: representadas de modo inferiorizado, quando não totalmente ausentes em produções ambientadas em cenários nacionais. E nesse sentido a autora apresentou algumas obras<sup>2</sup> das quais “[...] procuram romper com um imaginário estereotipado do negro tão comum na literatura infantojuvenil, até então” (CASTILHO, 2009, p. 110). São livros que podem, segundo ela, aguçar o interesse pela leitura proporcionar que crianças negras se vejam representadas e permitir que as crianças brancas entendam a importância do respeito à diversidade.

Outro artigo, de autoria de Debus (2010), propõe a leitura de cinco obras<sup>3</sup>, que têm em comum crianças negras, sobretudo contextualizadas na contemporaneidade e inseridas em ambientes do cotidiano. Como o foco desta seção é destacar as relações familiares, comentaremos brevemente sobre quatro dos cinco livros analisados pela autora. O primeiro é *Menina bonita do laço de fita*, em que o limite da obra está justamente na escolha argumentativa para tratar da cor da personagem. Em *Conceição de Vila Rica*, a personagem é passiva em relação ao apelido pejorativo que recebe. Nesse sentido, a relação familiar da protagonista aparece apenas como um artifício (bastante equivocado, a nosso ver) para movimentar o enredo. Em *Minha família é colorida*, a diversidade racial da família de Ângelo se faz presente na narrativa, porém a temática da miscigenação necessita de uma atenção especial na obra (DEBUS, 2010). Em *Minhas contas*, a amizade dos meninos Nei e Pedro é ameaçada pela mãe intolerante deste último, com relação à religião do amigo do filho, que usa como marca seus fios de contas, expressando sua vinculação com os orixás.

---

<sup>2</sup> As obras selecionadas pela autora foram: *Luana*, de Aroldo de Campo e Osvaldo Faustino; *Bruna e a Galinha D'angola*, de Gercilda de Almeida; *O Menino Nito*, de Sonia Rosa; e *Tanto, Tanto*, de Trish Cooke.

<sup>3</sup> *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado; *Conceição de Vila Rica*, de Joaquim Borges; *Rufina*, de Marciano Vasques; *Minha família é colorida*, de Georgina Martins; e *Minhas contas*, de Luiz Antonio.

Como modo de fazer com que Nei não invalidasse suas crenças, a avó e a mãe o ajudam a refletir sobre a importância de sua origem e da sua religião.

O próximo artigo selecionado é de autoria de Rosa Maria Silveira e Gládis Kaercher (2013), o qual analisou a representação de famílias homoparentais em sete obras literárias<sup>4</sup>. Por meio de análise do texto verbal e imagético, as autoras investiram foco na identificação do “[...] rompimento ou a confirmação de determinados estereótipos [...], o compromisso das obras com intenções formativas e informativas e a incorporação de uma dimensão estética, que se abrisse à polissemia e ao inesperado na leitura” (SILVEIRA; KAERCHER, 2013, p. 1194). Como resultado, as autoras destacaram a tendência de se apresentar, nos enredos, as relações homoafetivas de maneira similar às concepções tradicionais de amor romântico heterossexual. Apenas duas obras desviam desse padrão heteronormativo: *Por quem me apaixonei?* e *De onde venho*. Além disso, as autoras reconheceram “[...] o atravessamento da diferença étnica – em três obras brasileiras<sup>5</sup> – nos personagens centrais das narrativas (uma jovem lésbica, uma mãe lésbica e uma menina adotada por dois pais)” (KAERCHER; SILVEIRA, 2013, p. 1204).

O último estudo selecionado para esta seção é de Yago Nascimento e Luciana Silva (2020) e teve como objetivo compreender de que forma são estabelecidos os assuntos referentes à masculinidade negra, a paternidade e a afetividade na obra *O menino Nito*, de Sonia Rosa. De início, o autor e a autora discutem como homens negros foram caracterizados de modo inferiorizado na literatura brasileira. Ao contrário, na obra em questão, Nascimento e Silva (2020, p. 224) reconheceram que seu enredo contribui “[...] para a elaboração de uma masculinidade alternativa e uma paternidade mais responsável, cuidadosa e, sobretudo, afetiva”.

Algumas breves considerações podem ser feitas a partir dos artigos captados nesta busca: um deles é o início de uma discussão sobre presença paterna e masculinidade negra, destacada nos estudos de Silveira e Kaercher (2013) e Nascimento e Silva (2020). Ainda assim, muitas vezes quando a

---

<sup>4</sup> *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*, de Benilda Brito; *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco; *De onde venho?*, de Javier Termenón Delgado; *Era uma vez um casal diferente*, de Lúcia Facco; *Olívia tem dois papais*, de Márcia Leite; *Eu tenho duas mães*, de Márcia Martelli; *Por quem me apaixonarei*, de Wieland Pena.

<sup>5</sup> *Olívia tem dois papais*, *Eu tenho Duas Mães* e *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*.

paternidade aparece, a discussão racial não é tão pujante, como identificaram as primeiras autoras. Já o estudo de Castilho (2009) somou-se ao levantamento inicial aqui apresentado, ressaltando como, ao longo dos anos, personagens negras foram retratadas. Por fim, o estudo Debus (2010) apresenta obras das quais o conflito étnico-racial é presente nos cinco títulos analisados, mas sugere que outras possibilidades conflituosas também possam compor a narrativa.

#### 4 Afrofuturismo na literatura infantil e juvenil

Com o interesse em nos aprofundarmos sobre uma literatura de valorização da cultura africana e afrodiaspórica, consideramos a literatura afrofuturista um exercício da autonomia de autores/as dispostos/as a imaginar uma realidade diferente das apresentadas nos últimos séculos. Na década de 1990, o crítico cultural Mark Dery questionou o motivo de existirem poucas contribuições de autoria e representatividade negra na ficção científica, gênero literário e audiovisual que é terreno fértil para a discussão das diferenças, relações de poder e preconceitos. Ele notou na época que apenas autores/as como Octavia E. Butler, Charles Saunders, Samuel R. Delany e Steve Barnes pareciam ter escolhido o gênero popular na cultura ocidental para retratar a posição subalterna a qual os negros e negras foram relegados durante a história estadunidense.

Isso é especificamente confuso na luz do fato de que afro-americanos/as, em um senso muito real, são descendentes dos/as abduzidos/as por alienígenas; eles/as habitam um pesadelo da ficção científica na qual campos de força de intolerância invisíveis mas não menos impassíveis frustram seus movimentos; histórias oficiais desfazem o que foi feito e a tecnologia é muitas vezes aplicada nos corpos negros (DERY, 1994, p. 180, tradução livre).

Em um texto chamado *Black To The Future* (1994), ao reunir entrevistas com o autor Samuel R. Delany, o escritor e músico Greg Tate e a socióloga Tricia Rose, Dery cunhou o termo “Afrofuturismo” como “[...] ficção especulativa que trata temas sobre afro-americanos e aborda preocupações de afro-americanos no contexto da tecnocultura do século XX” (DERY, 1994, p. 180). A discussão sobre Afrofuturismo atingiu outros campos das artes como a música e o

audiovisual de tal forma que escritores/as como Alondra Nelson e Kodwo Eshun passaram a pensar nesse movimento artístico e filosófico como a produção de autoria negra, com protagonismo negro, e que contempla experiências de negros/as e sua relação com a tecnologia e a imaginação (SOUZA, 2019). Sendo assim, Ytasha Womack (2013) define que o Afrofuturismo não representa apenas uma estética artística, mas também:

[...] combina elementos da ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, Afrocentricidade e realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é uma recriação total do passado e especulação do futuro repletos de críticas culturais (WOMACK, 2013, p. 9, tradução livre).

Atualmente com um caráter global e não apenas centrado nos Estados Unidos, o movimento afrofuturista conta com representantes desde antes da criação do termo, com exemplos nas obras musicais e audiovisuais de Sun Ra<sup>6</sup> e livros de ficção especulativa de Octavia E. Butler, que data da década de 1970. Porém, ainda assim, o Afrofuturismo vem sendo objeto de pesquisa e estudo em nível global há apenas 30 anos e aqui no Brasil as pesquisas são ainda mais recentes.

Na investigação sobre produções acadêmicas no Brasil, consideramos o Afrofuturismo como descritor de busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Mesmo não demarcando temporalmente o período de busca, apenas 21 resultados foram captados e sendo a primeira publicação de 2016. Em um recorte sobre literatura afrofuturista, os resultados diminuíram para seis, sendo que apenas quatro apresentam Afrofuturismo como eixo principal em seus resumos, uma amostra de como o tema pode ser mais explorado e divulgado na academia. Não parece coincidência que boa parte das pesquisas sobre essa vertente artística tenham se iniciado após a popularização do filme fenômeno da cultura pop *Pantera Negra* (lançado em 2018), baseado nos quadrinhos da Marvel<sup>7</sup>, considerando a carência anterior de histórias imaginativas que

<sup>6</sup> De acordo com Edson Rangel (2016, p. 143), Sun Ra, além ser um importante músico do Jazz, foi também “[...] um artista múltiplo que transcendeu a prática da performance ao se reinventar na vida real como um tipo de ficção ou, antes, ao evidenciar a ficção de sua existência chamada verídica. Arte, música, tecnologia e filosofia foram para ele formas cósmicas de compreensão do mundo e de sua própria reinvenção”.

<sup>7</sup> O Pantera Negra é uma personagem criada por Stan Lee e Jack Kirby para a Marvel Comics que aparece pela primeira vez em um arco do Quarteto Fantástico nos anos 1960s e ganha seu primeiro compilado de arco solo em “A fúria do Pantera Negra” (1973) escrito por Don McGregor, Rich Bucker e Billy Graham

valorizassem a cultura ancestral africana e diaspórica pensadas por e representando pessoas negras, bem como seus dilemas e experiências, além de seu poder, heroísmo, habilidades tecnológicas e inteligência. Na mídia audiovisual, um dos representantes mais populares do Afrofuturismo é essa produção que conta com direção, roteiro, protagonismo e elenco negro, além de ter se aliado ao movimento *hip hop* através da curadoria e participação na trilha sonora do rapper Kendrick Lamar.

Outro destaque no mesmo sentido é o fato de ter reunido aspectos de valorização estética através de vestuário, penteados e maquiagem que se distanciavam do padrão ocidental e a presença de ritualísticos com mitologias próprias que construíram um imaginário próprio banhado na ancestralidade ainda que com um olhar tecnológico e futurístico de uma nação africana.

As quatro pesquisas captadas na busca, e apresentadas no decorrer dessa seção, abordam literatura afrofuturista. A primeira dissertação registrada pela Capes data de 2019 e foi produzida por Waldson Souza. Sua proposta foi analisar a representação do negro em ficções literárias especulativas, para debater sobretudo a obra afrofuturista brasileira. Souza (2019) discutiu ficção especulativa e seus subgêneros até a criação do termo Afrofuturismo, exemplificando-o com obras produzidas no exterior, como *Kindred: Laços de Sangue* (de Otavia Butler, originalmente publicada em 1979) e *A Balada de Black Tom* (de Vitor LaValle), até a análise de obras nacionais como *Rito de Passagem*, de Fábio Kabral. Souza (2019) conclui que, além de dar visibilidade ao Afrofuturismo, é importante nomeá-lo, uma vez que “[...] nomear é dar destaque, nomear nos permite focar em algo que precisa ser pensado e mudado” (SOUZA, 2019, p. 92). Além disso, reconheceu nessa vertente, via mitologia e ciência e por meio de narrativas ficcionais, uma forma de resgate de histórias que foram usurpadas e obliteradas da população negra mundial.

A segunda pesquisa captada na busca data de 2021: Danielly Weerdy de Jesus (2021) escolheu a mesma obra de Octavia E. Butler (*Kindred: Laços de Sangue*) para debater o Afrofuturismo. Jesus (2021) defende que a obra de Butler tentou alcançar as pessoas de uma maneira que a história oficial não

---

com arte final de Klaus Janson.

conseguiu, uma vez que seu enredo reescreveu uma narrativa sobre escravização com novas perspectivas acerca da interseccionalidade de raça e de gênero. Além disso, acrescenta Jesus (2021), o Afrofuturismo presente na obra de Butler não precisa abordar exatamente sobre o futuro, mas sim apresentar essa nova visão sobre o passado a fim de reimaginar a experiência negra, criando uma existência humanizada e menos apagada de todo um povo, mostrando assim que o Afrofuturismo é uma vertente literária com capilaridades.

Marcelo Lima (2021) abordou as contranarrativas de reconstrução e destruição de si através do Afrofuturismo e o Afropessimismo, duas vertentes do pensamento negro. O pesquisador defendeu que, na lógica ocidental, o humano é representado pela figura do homem branco europeu e, em contrapartida, a experiência de existência negra (e todos os demais povos não brancos) é oposta ao que se pressupõe como humano e racional. A violência e a aniquilação causadas pelos desejos internos daquele que é considerado o humano por meio da história de colonialismo e exploração tornou as pessoas do restante do mundo apenas objetos dessa humanidade ocidental. Dessa forma, as narrativas afrofuturistas são percebidas pelo autor como boas e importantes, porém incapazes de alterar a experiência de desigualdade racial, violência e o descaso em geral com a população negra. O Afropessimismo, por sua vez, lança foco sobre a experiência negra e o terror vivenciado através dos séculos e que não mudou verdadeiramente pós abolição, porque nós negros e negras ainda somos alvo da violência destinada ao considerado não humano.

Por fim, a dissertação de Raissa Lauana Silva (2022) teve como tema principal novamente Octavia E. Butler, mas dessa vez com análise da obra *A Parábola do Semeador* (publicada originalmente em 1993). Silva (2022) desmistificou a não existência de autores/as negros/as na ficção científica, já que o Afrofuturismo está inserido na ficção especulativa e a obra de Butler propõe um diálogo entre ciência, futuro e tecnologia. A autora alegou, com base em Alondra Nelson, que a imaginação e o planejamento de futuros tornaram-se mercadoria nas mãos da branquitude<sup>8</sup> que, por sua vez, acaba por apagar as histórias e a individualidade construída por e para as minorias. Seu estudo concluiu que a literatura afrofuturista possui caráter transformador já que

---

<sup>8</sup> O conceito de branquitude utilizado aqui é atribuído à Maria Aparecida Silva Bento (2002, p. 29) “[...] traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento”.

distancia as personagens negras dos estereótipos e as aproxima de suas vivências, para assim compreender o passado, analisar o presente e organizar um futuro.

A breve revisão das dissertações publicadas sobre literatura afrofuturista aponta que há uma necessidade de maior discussão sobre essa vertente no campo literário e das artes em geral. Consideramos também significativa a relação entre o Afrofuturismo e o ensino de língua inglesa com base que através da literatura é possível diversificar as histórias contadas sobre o povo negro e apresentar aos estudantes de todas as raças a possibilidade de acessar mundos fantásticos imaginados por autores de origens e epistemologias diferentes da europeia comum.

## **5 Convergências entre Afrofuturismo e famílias negras na produção endereçada a crianças**

Das pesquisas aqui elencadas, tanto sobre Afrofuturismo quanto sobre famílias negras, é possível identificar que, ao passo em que tem se intensificado, por parte dos estudos, a percepção de que as famílias negras nas obras infantis e juvenis estão sendo mais bem representadas, o Afrofuturismo não se faz comum na produção endereçada a públicos mais novos, ou seja, a maior parte das publicações concentra-se em leitores/as jovens e adultos/as. Por isso, para a composição deste artigo, decidimos “garimpar” obras afrofuturistas em um acervo especializado, contendo mais de 400 livros<sup>9</sup> com temática da cultura africana e afro-brasileira. A expressão “temática da cultura africana e afro-brasileira” foi proposta por Debus (2017) para identificar obras que podem ser de autoria de pessoas negras ou de qualquer outro pertencimento étnico-racial, ou seja, que não têm foco em quem “[...] escreve (a autoria), mas sim no que tematiza [...]” (DEBUS, 2017: 26). Assim, ao propor que a literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira foca no tema e não necessariamente na autoria (DEBUS, 2017), ampliam-se possibilidades de reconhecermos mais obras positivas, já que um número significativo de obras de valorização negra não era/é, necessariamente, produção de autor/a negro/a.

---

<sup>9</sup> Para evitar a quebra de anonimato o acervo em questão não será detalhado por ora, mas cabe informar que faz parte de um grupo de estudos e pesquisas de uma universidade federal brasileira.

Por outro lado, em contrapartida, a natureza do Afrofuturismo requer, a nosso ver, uma cosmopercepção<sup>10</sup> negra. Assim, além das características aqui já elencadas, por meio da “[...] interseção da imaginação, tecnologia, o futuro e libertação” (WOMACK, 2013, p. 9, tradução livre), no Afrofuturismo não apenas a autoria é negra, mas especialmente o modo de interpretação de mundo é referenciada pela experiência negra. Levando, então, esses elementos em consideração a partir do acervo escolhido, selecionamos a obra *O telefone de latas*, de Édimo de Almeida Pereira (2008), com ilustrações de Rubem Filho. Tomada como amostra e ainda que contendo limites, a obra reúne alguns traços de um Afrofuturismo por meio de um enredo com fortes vínculos familiares estabelecidos.

*O telefone de latas* apresenta uma ruptura no espaço tempo ao aliar Brasil e Namíbia por meio de um brinquedo muito comum aos lares das crianças mundo afora: um “telefone” feito com barbante e latas. Luci, uma menina descrita como “[...] sozinha, sem irmãos, sem a proximidade de primos ou de amigos na vizinhança” (ALMEIDA, 2008, p. 5), tinha como hábito inventar histórias e fabricar seus próprios brinquedos. Mas algo diferente aconteceu: “[...] no dia em que fizera o telefone de latas, uma ideia diferente lhe veio. Uma das extremidades nas mãos, atirou a outra por sobre o telhado. Quem sabe não haveria por lá alguém de sua mesma meninice com quem pudesse conversar?” (ALMEIDA, 2008, p. 5). Com a expectativa de ouvir a voz de alguém do outro lado da casa, inicialmente o som proferido era de um menino que emitia palavras que ela não podia compreender. “Então, Luci imaginou que pudesse ser algum problema de tradução” (ALMEIDA, 2008, p. 5). Assim, fazendo uso de palavras mágicas, o problema de comunicação foi resolvido e ela então pôde saber com quem falava.

- Quem fala? – perguntou Luci, mal contendo as palpitações de seu coração.
- Meu nome é Xhosa. Com quem estou conversando?
- Oi, eu sou Luci. De que lugar você fala, Xhosa?
- Falo de um país chamado Namíbia, um dos braços da grande África (ALMEIDA, 2008, p. 6)

<sup>10</sup> O termo “cosmopercepção”, proposto por Oyèrónké Oyěwùmí (2021, p. 28-29), “[...] é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais [...] que podem privilegiar sentidos que não sejam [apenas] o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos.

A conversa entre as duas crianças transcorre com a inclusão de uma narrativa que Xhosa ouviu de Nikenby, chefe de seu povo. Era uma história sobre coragem e os sentimentos de amadurecimento do jovem caçador Mynpala, que viveria sua primeira caçada sozinho. No entanto, a narração é interrompida por dona Ilda, mãe de Luci, que a chama para saber justamente sobre o carretel de linha que forjou seu telefone. Ao retornar ao quintal para continuar ouvindo a narração de Xhosa, o menino já não estava mais lá.

Por meio de oscilações entre passagens mais ou menos literárias e outras bastante didatizantes, o texto prossegue, demonstrando que o menino é “usado” na trama para informar à Luci sobre as características de seu vilarejo e sobre os animais que lá viviam, especialmente os elefantes (que Luci era encantada). Posteriormente à interrupção da conversa de ambos, ela pede ajuda à sua mãe e depois a seu pai para conhecer mais sobre o que ele chamou de “a sagrada mãe África”.

As pesquisas da família duraram dias e a menina pôde aprender muito sobre a história de independência da Namíbia, sobre a origem africana do ser humano e tantas outras informações acerca do continente africano. Apenas algum tempo depois ela conseguiu retorno da ligação que tentava incessantemente com seu amigo Xhosa. Ele explicou que ficou ausente por um tempo pois precisou campear o gado da aldeia dele. Nesse dia a menina pôde ouvir o final da história e aprender um pouco mais sobre o povo de seu amigo. A obra encerra com Luci tempos depois atirando novamente o telefone sobre o telhado da casa: “Agora, era chamar e esperar que o velho amigo da África lhe respondesse. Toque-toque-toque... batuque de dedos no fundo da lata” (ALMEIDA, 2008, p. 29). Porém, na outra linha quem responde é uma menina, evidenciando “[...] mais outra história dentro de outras histórias” (ALMEIDA, 2008, p. 29).

A obra reúne aspectos que, do ponto de vista literário, apresentam alguns limites: um deles é o tom prescritivo de certas passagens. Outro é a ausência de vinculação afetiva e cultural de Luci com tudo que aprendia sobre o continente africano. Só é possível a quem lê a obra saber que ela, sua mãe e seu pai são pessoas negras via ilustração, já que todas as passagens em que a menina reflete sobre tudo que aprende, o máximo que consegue concluir é por meio da pergunta: “Felizmente, o cansaço a venceu e, finalmente, a menina adormeceu,

pensando sobre aquela história de ter para si um continente. Se a África era o continente de Xhosa, qual seria o dela?” (ALMEIDA, 2008, p. 18). E mesmo o pai, quando ouviu o pedido para falar mais sobre a Namíbia e “um sorriso claro tomou conta da face do homem” (ALMEIDA, 2008, p. 15), toda a sua longa explicação não menciona o continente africano como lar de seus ancestrais.

Assim, o que teria essa obra relacionada com o interesse deste estudo? Primeiro é reconhecê-la como sendo uma obra que se aproxima da tendência “Conflitos do universo infantil”, já que a protagonista vivencia uma situação comum a muitas crianças: não ter outras crianças com quem brincar no seu dia a dia.

O segundo elemento que chama atenção no enredo e que revela alguns traços afrofuturistas é o modo como se dá a comunicação entre Luci e Xhosa: um elemento tecnológico rústico de comunicação (um telefone de latas) foi capaz de unir dois continentes por meio do desejo (e imaginação) de uma criança. Além disso, a relação entre passado e presente, bem como a ancestralidade acionada para mostrar caminhos ao caçador Mynpala e a inclusão de histórias dentro de outras histórias, reúne elementos característicos de tendência afrofuturista de lidar com o espaço-tempo sob uma interpretação afrodiáspórica. Ainda assim, não ousamos afirmar que tal posição seria assumida pelo autor e nem que sua proposta envolvesse esse compromisso. Apenas destacamos que de um grande acervo de obras direcionadas especialmente a crianças (mais a crianças do que a jovens), essa foi uma das poucas<sup>11</sup> com tal possibilidade narrativa.

Outro aspecto também almejado neste estudo é como os vínculos familiares são estabelecidos pelas personagens. Ainda que sem a companhia de outras crianças, seja por distanciamento da família ampliada, seja por pouco vínculo com vizinhos/as (ou não existência de crianças no seu entorno), Luci não é solitária num sentido triste, já que tem sua mãe e seu pai como referências presentes. É possível interpretar, pelas pistas do texto, a organização da família: sua mãe, professora, que rotineiramente saía à noite para dar aulas, revezava com seu pai, Luiz, que chegava do trabalho à noite para cuidar da menina. Mas

---

<sup>11</sup> O acervo também conta com obras (essas sim) assumidamente afrofuturistas: os livros juvenis “O caçador cibernético da Rua 13” e “A cientista guerreira do facão furioso”, ambos de Fábio Kabral (2017; 2019). Mas como foi nossa intenção investir em obras literárias mais direcionadas à literatura infantil, não recorremos a tais produções.

quando a menina demandou primeiramente da mãe mais informações sobre “a África e sobre um país chamado Namíbia”, a mãe, com interesse “[...] lhe respondeu que sabia algo sobre o continente africano [...] mas que talvez fosse preciso pesquisar um pouco mais para descobrirem, juntas, mais informações a respeito dos países que fazem parte desse continente” (ALMEIDA, 2008, p. 14).

A mesma atenção a menina teve do pai que, depois do sorriso que tomou conta de sua face, pegou sua filha no colo “[...] e, depois de jogá-la para o alto, aprou-a num abraço, como sempre fazia” (ALMEIDA, 2008, p. 15) e confirmou que ajudaria a menina em sua pesquisa. Com sensibilidade, pai e mãe seguiram os dias ensinando pouco a pouco sobre o continente africano e sobre as curiosidades da menina acerca da terra de seu amigo. A sensibilidade também envolve cada momento dessa aprofundada pesquisa da família:

Luiz passou a ler um texto que falava sobre as origens do homem, provavelmente no continente africano, e sobre o modo como a espécie se espalhou por vários lugares do planeta, adaptando-se ao clima e às condições de cada região e alcançando a diversidade de indivíduos que conhecemos. Era curioso pensar daquele jeito. Todo mundo vindo de um mesmo lugar e esse mesmo lugar ainda ser tão desconhecido de tanta gente. Na verdade, eram muitas informações para a cabecinha de Luci e, por mais que os pais tentassem simplificar as coisas para ela, muito ainda ficava por ser compreendido. Notando uma expressão de aborrecimento e de dispersão na filha, Ilda quis confortá-la, dizendo-lhe que os anos de estudo iriam ajudá-la a compreender melhor tudo o que estavam lendo naquele momento (ALMEIDA, 2008, p. 16).

Passagens como essa, se tomadas em comparação com momentos anteriores da literatura infantil e juvenil, ressaltam importantes avanços no modo de caracterização das famílias negras nas obras literárias, ainda que sob modelos heteronormativos bastante cristalizados. Por outro lado, a figura paterna, antes predominantemente ausente nas obras com protagonistas crianças ou jovens, vem se mostrando não apenas mais presente como existente (já que antes em grande parte não era nem mencionada), mas exercendo influência na trama e contribuindo diretamente para a qualidade de vida da protagonista, que vive sob um contexto de amor, afeto e estímulo.

## 6 Considerações finais

Como o desejo neste artigo foi de identificar elementos positivos na literatura endereçada a crianças e jovens, tendo o Afrofuturismo e as relações familiares como eixo, apresentamos um levantamento de pesquisas sobre ambos os aspectos destacando que, ao passo que as pesquisas sobre famílias negras já comecem a investir em estudos de livros infantis, o tema do Afrofuturismo direciona-se a públicos mais velhos. E isso foi comprovado pela obra selecionada de um acervo com mais de 400 livros literários endereçados especialmente ao público infantil e que demonstrou o quanto a proposta afrofuturista na literatura se faz escassa, ao passo que a caracterização da família negra foi realçada positivamente.

Assim, esse breve estudo aponta para a necessidade de mais investigações sobre o tema a fim de verificar em que medida as transformações das últimas décadas em relação à composição e caracterização das personagens negras na literatura infantil e juvenil está caminhando ao lado de tendências mais recentes no Brasil como o Afrofuturismo literário.

## Referências

ARAUJO, Débora Oyayomi de. Meninas e meninos negros nos livros infantis contemporâneos: três tendências positivas. In: MORO, Catarina; SOUZA, Gizele de (Org.). **Educação infantil [recurso eletrônico]:** construção de sentidos e formação. 1. ed. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2018, p. 219-241.

ARAUJO, Débora Oyayomi de; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 194-220.

ARAUJO, Débora Cristina de; DAMASCENO, Geane Teodoro; ALCÂNTARA, Regina Godinho de. Meninos negros na literatura infantil: corpos ausentes.

REVELL. v. 2, n. 25, p. 284-310, ago./ 2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) **Psicologia Social do Racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 1.

BUTLER, Octavia E. [1979]. **Kindred**: Laços de sangue. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

BUTLER, Octavia E. [1993]. **A parábola do semeador**. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nely Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, ano 1, v. 28, p. 191-210, 2010.

DEBUS, Eliane. A literatura angolana para infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013.

DERY, Mark. Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark (ed.). **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture**. Durham, NC: Duke University Press. 1994. p. 179-222.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

JESUS, Danielly Weerdy Oliveira de. **Uma viagem no tempo afrofuturista: (re)formulando caminhos narrativos em Kindred – Laços de Sangue**. 2021. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2021.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 179-217.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LIMA, Heloisa Pires de. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-115.

LIMA, Marcelo de Jesus. **Fim do mundo ou afrofuturo?** Um estudo sobre as contranarrativas do Afrofuturismo e do afropessimismo. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2021.

NASCIMENTO, Yago Jose Eloi do; SILVA, Luciana de Mesquita. Masculinidade negra, paternidade e afetividade na literatura infantil: O menino Nito, de Sonia

Rosa. **ANTARES**: Letras e Humanidades, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 207-227, 2020.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. In: **Anais... XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**. 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007)**: entrelaçadas vozes tecendo negritudes. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: wanderson flor do nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OLIVEIRA, Thiara Cruz de. A representação da personagem negra em *Ciça e Ciça e a Rainha*, de Neusa Jordem Possatti. In: SILVA, Arlene Batista da [et al.] (Orgs.). **Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres, II**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2019, p. 597-610.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica**. Revista do Audiovisual Sala 206, Vitória, n. 5, p. 129-148, jan./jul. 2016.

RIBEIRO, Katiúscia. **O futuro é ancestral**. Le Diplomatieque Brasil. 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatieque.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985. (Teses; 11).

SILVA, Raissa Lauana Antunes da. **Distorções e Reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em A Parábola Do Semeador, de Octavia Butler**. 2022. 109 p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; KAERCHER, Gládis E. da Silva. Dois papais, duas mães: novas famílias na literatura infantil. **Educação & Realidade**. 2013, v. 38, n. 4, p. 1191-1206.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. 2019. 102 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture**. 1. ed. Chicaco: Lawrence Hill Books, 2013.